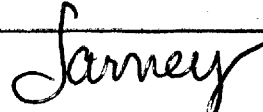


Notas e informações


O risco do lugar-comum

Daqui para frente, o cenário político brasileiro estará sob o efeito das repercussões — reais ou imaginárias — da viagem do presidente José Sarney a Nova York. Qualquer acontecimento, no plano internacional, que possa ter relação — ainda que remota — com a dívida externa brasileira será creditado ao discurso do chefe do governo brasileiro na ONU. Por sua vez, os defensores do *statu quo* repetirão à exaustão as frases do presidente Sarney relativas à necessidade de o País crescer para resolver seus problemas. O crescimento será a palavra de ordem de todos os *progressistas*; os que preconizarem o combate à inflação serão os *reacionários* e os *inimigos do progresso*. Pouco importa o fato de a experiência acumulada dos povos ter demonstrado que crescimento e inflação só se podem compatibilizar a curto prazo, visto que, com o correr do tempo, acabam por conduzir à estagnação econômica e à crise institucional, porque a alta desordenada dos custos altera a relação câmbio-salário, onera as exportações, abre ou agrava a crise no balanço de pagamentos. Mais ainda — para usar a linguagem metafórica do agrado de muitos —, dá livre passagem a outro dragão, o do retrocesso político, que pode tomar lugar ao lado dos demais, o da inflação e o da recessão.

Quando o secretário de Estado Shultz diz ao presidente Sarney que a solução para os problemas brasileiros é crescer, está proclamando um truísmo com a intenção de ser gentil; tanto assim é que logo em seguida qualifica sua afirmação, deixando claro que propor o crescimento é uma coisa, e indicar os caminhos para chegar lá, outra totalmente diferente. No caso brasileiro, está-se até agora cuidando de propor a saída sem explicitar os meios de alcançá-la. E há uma razão para isso — intimamente todos, no governo, sabem que o caminho é duro e não desejam percorrê-lo: combater o déficit público e a inflação.

O secretário de Estado Shultz foi claro, nesse particular, mostrando que a política de Reagan deveria servir de exemplo, pois em três anos criou oito milhões de novos empregos e permitiu o crescimento da economia, em alguns semestres a taxas realmente difíceis de acreditar. Em boa medida, cabe reconhecer, esse crescimento se deu paralelamente ao aumento do déficit público, que o presidente Reagan não consegue reduzir, apesar de seus esforços nesse

sentido. Esse fato é reconhecido por todos os analistas sérios da política econômica de Reagan, os quais não deixam de apontar, no entanto, que isso foi possível, por um lado, porque o banco central norte-americano (o FED) aplicou uma política monetária draconiana; e, por outro lado, porque houve empenho em sanear economicamente as empresas, procedendo a dispensas de trabalhadores, congelamento de salários, adaptação de novas tecnologias. Há de reconhecer, no entanto, que o déficit público, de volume enorme, acabou transferindo recursos do mercado produtivo, dos investimentos *sem os quais não se sustenta o crescimento econômico*, para o mercado financeiro. O resultado dessa alteração do curso das coisas passou a refletir-se todos os meses na balança comercial norte-americana, constantemente deficitária, pois o dólar (mantido alto pela política de sustentação do déficit alto) não pode fazer frente ao marco alemão e ao iene no mercado internacional. Criaram-se assim, lentamente, as condições que Martin Feldstein já havia previsto: diminuição da taxa de crescimento, redução paulatina do nível de vida.

O conselho de Shultz a Sarney — que parece ter caído em ouvidos moucos — foi cortar o déficit e combater a inflação. No fundo, é a mesma receita que os defensores da racionalidade econômica vêm dando ao presidente da República desde que s. exa. assumiu o governo. Quando diz ao secretário de Estado que é necessário que haja confiança na economia para que os estímulos aos investimentos de risco surtam efeito, é o sr. José Sarney quem proclama um truísmo — o qual ganha o reforço de lugar-comum com a ponderação que teria feito segundo a qual essa confiança se readquire mediante a demonstração de que a economia cresce. Apesar do zelo pelas palavras, o literato, predominante na personalidade do chefe de Estado, não deve ter atentado para o sentido da frase, pois, a ser verdade o que se transmitiu à imprensa de sua conversa com o secretário Shultz, o que disse poderia ser assim resumido: para crescer é preciso confiança; para que haja confiança é preciso crescer. Estamos, evidentemente, diante de um dialeto, de um círculo vicioso. Infelizmente, é nesse esquema mental, de um beco sem saída, que se enreda o presidente, que reitera ter chamado a si a condução da política econômica — donde não haver

ninguém a ser sacrificado em caso de malogro.

Para que se restabeleça a confiança é preciso que se criem as condições para tanto; em outras palavras, que os investidores tenham certeza de que os planos feitos e que levaram a tomar a decisão de aplicar capitais de risco não sofrerão a intervenção da inflação. Se há coisas que não se coadunam são inflação e planejamento; a primeira exclui a segunda, e esta requer a extinção daquela. Ora, o presidente da República parece dedicar pouco tempo à meditação sobre a inflação; preocupa-se com o crescimento. De onde irá, no entanto, retirar os capitais indispensáveis aos investimentos necessários? A iniciativa privada está retraída, pois não sabe como será o dia de amanhã; o mercado externo poderá fechar-se se a relação câmbio-salário continuar apresentando a relação perversa que passou a ter de alguns meses para cá; os contribuintes não sabem mais como fazer para atender as exigências do Fisco — que agora ameaça taxar os ganhos de capital para financiar o déficit público, em vez de cortar despesas. As condições para o crescimento sustentado da economia começam a ficar cada vez mais distantes, na medida em que não se pensa em jugular a inflação.

A melhor saída para o Brasil é o crescimento — até aí, estão de acordo todos os economistas, desde Ruy Barbosa até Dílson Funaro, passando por Kubitschek e Delfim Netto. A questão é saber como crescer sem fechar as portas à democracia — porque o crescimento desordenado acabará conduzindo fatalmente à crise cambial em decorrência da inflação, senão à crise social diretamente.

Dizíamos, semanas atrás, que os dragões de fogo haviam enviado para a Praça dos Três Poderes o dragão da inflação, menos ruidoso. Foi o primeiro a acampar lá sem ser notado e agora está chamando os outros — nem os marimbondos detectaram sua presença. Se passou despercebido, por que os outros, o da recessão e o do retrocesso, merecerão atenção?

Ilustre brasilianista que participou do café da manhã com o presidente Sarney declarou, ao fim do encontro: "Não ouvi nada que já não soubesse". Preocupado com o crescimento, o presidente corre o risco de ficar repetindo coisas que os outros já disseram e fizeram, que acabaram gerando crises que permitiram ao sr. José Sarney chegar onde chegou.